

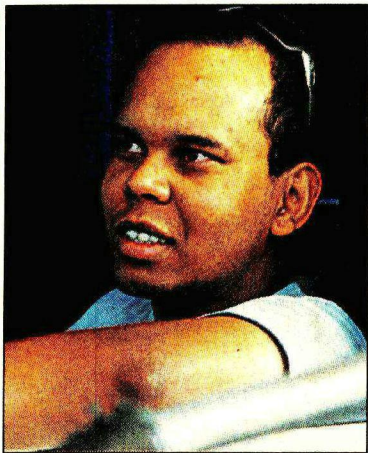
// Levantamento realizado pelo **Correio** revela que os postos de combustível têm a menor disputa por consumidores. A diferença entre os valores máximo e mínimo é de apenas R\$ 0,069, mas o preço final na bomba é o sexto maior do país



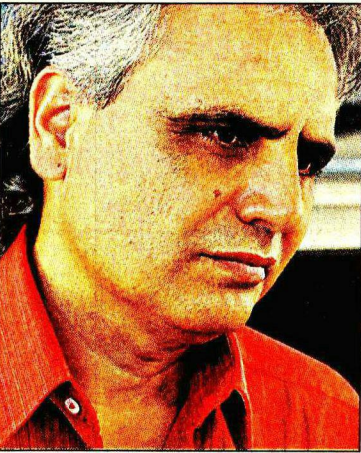
Jefferson Marcondes Eugênio reclama da falta de opções: "Os preços são muito homogêneos aqui em Brasília"

# Sem concorrência

## >> Eu acho...



"Não vale a pena rodar para procurar um preço mais barato aqui em Brasília. Com a proximidade dos preços, eu acabo abastecendo em qualquer lugar. Quando vejo mais barato, paro o carro, mas não vou me deslocar por causa de R\$ 0,02 ou R\$ 0,03 de diferença", afirma o publicitário **Luís Renato Gonçalves Andrade**, de 27 anos, morador de Águas Claras.



Morador da Asa Norte, o economista **Nilo Carneiro de Assis**, de 56 anos, reclama da falta de concorrência. "Em Brasília não vale a pena pesquisar. Sempre abasteço no mesmo posto porque é no meu caminho e costuma ser mais barato, mas aqui há cartel, não é possível que seja coincidência."

» MARIANA FLORES

A paisagem plana da capital federal também é verificada nos preços da gasolina. O Distrito Federal tem a menor concorrência do país. Levantamento feito pelo **Correio** com base nos dados da pesquisa semanal da **Agência Nacional do Petróleo (ANP)** mostra que a diferença entre os valores máximo e mínimo cobrados nas bombas da cidade é de apenas R\$ 0,069. No restante do país a disputa é bem mais acirrada: vai de R\$ 0,230, variação verificada no Piauí, a R\$ 0,959, diferença máxima existente no Rio de Janeiro. Além da falta de opção para pesquisar, o brasileiro ainda sofre com os preços altos, puxados pela elevada margem de lucro abocanhada pelos empresários do setor. O valor médio cobrado no DF em junho — a pesquisa foi feita entre os dias 1º e 20 —, de R\$ 2,67, é o sexto maior do país. E os postos do DF ficam atrás apenas de Tocantins e do Acre no ranking dos mais lucrativos.

No caso do álcool a homogeneidade de preços é mais amena. O DF é a terceira unidade da federação com menor variação entre postos e o valor não pesa tanto para o consumidor. Nove estados — Acre, Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Pará, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia e Roraima — têm valores superiores aos cobrados em Brasília, mas o lucro permanece elevado. Apenas os comerciantes de Tocantins têm uma margem de lucro maior que a dos empresários da capital federal. Com um preço menos salgado, o álcool está mais vantajoso, no caso dos carros flex. Em média, o litro de álcool está custando R\$ 1,759, contra R\$ 2,670, da gasolina, ou seja, custa o equivalente a 65,8% do preço deste último — a gasolina só é mais rentável quando o álcool custar mais de 70% de seu valor.

## » Reclamações

A população reclama da falta de concorrência e os órgãos de defesa do consumidor defendem uma redução do lucro. Os empresários alegam que precisam de uma margem alta para cobrir os custos elevados para se manter na cidade, como

aluguel, salários, impostos, entre outros. Eles admitem que acompanham o preço do vizinho, mas descartam a combinação de valores, o que caracterizaria cartel, um crime contra a concorrência. "Não há cartel, mas aqui a concorrência é extremamente sensível. Se eu não acompanhar o preço do vizinho eu perco meu cliente", afirma o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis Automotivos e de Lubrificantes do DF (Sinpetro), José Carlos Ulhôa.

Os consumidores reclamam. "Os preços são muito homogêneos aqui em Brasília. Você não tem opção. Quando vejo um lugar onde está mais barato, paro, mas não fico procurando, porque não adianta procurar", lamenta o gerente comercial Jefferson Marcondes Eugênio, de 33 anos. Morador da Vila Planalto, ele gasta entre R\$ 400 e R\$ 500 por mês com combustíveis. Ontem deu preferência ao álcool. Pagou R\$ 1,67 pelo litro, o valor mais baixo encontrado na cidade, segundo a ANP. O álcool mais caro da cidade chega a R\$ 1,83.

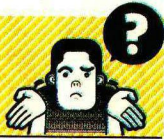
Os consumidores levantam a possibilidade de formação de cartel. Apesar dos rumores de que os postos estariam cometendo a infração, a Promotoria de Defesa do Consumidor do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios acredita que não há uma combinação de preços, mas critica o lucro elevado. A Promotoria move uma ação contra a rede Gasol para que baixe sua margem para cerca de 15%. Atualmente, segundo um dos proprietários do grupo, Antônio Matias, a margem é: 17%. "Temos custos muito altos. Não tem como diminuir a margem de lucro", alega o proprietário de 91 postos em todo o DF.

Um dos protagonistas da disputa de preços que vigorou por muitos meses no Eixo L Norte, o eixinho próximo às quadras 200, Abdalla Jarjour cobra atualmente R\$ 2,62 pelo preço da gasolina em seus três postos, o menor valor do DF. Mas alega que o ganho está apertado. "Se eu baixar mais não vou ganhar dinheiro e ninguém faz caridade. Os custos são elevados e, por isso, os preços em Brasília são mais altos que no restante do país."

## O que é a pesquisa da ANP

Desde 2000, a Agência Nacional do Petróleo (ANP) pesquisa semanalmente os preços dos combustíveis vendidos em todos os estados e no Distrito Federal. Na última pesquisa, realizada entre 14 e 20 de junho, foram pesquisados 8.800 postos, sendo 90 no DF. Os resultados das pesquisas são divulgados na página [www.anp.gov.br](http://www.anp.gov.br).

## E eu com isso?



A homogeneidade de preços deixa o consumidor sem opção de escolha. A diferença de, no máximo, R\$ 0,069 de um posto para outro não oferece uma economia muito grande ao brasileiro. O consumidor que tenha um carro com tanque de 50 litros, por exemplo, vai economizar, no máximo, R\$ 3,45, dependendo do posto em que abastecer. Com o valor, ele pode comprar um litro a mais, segundo o preço médio cobrado no Distrito Federal, de R\$ 2,67.

## >> Entenda o caso

Como rende menos, o álcool só é vantajoso quando o preço do litro for mais barato que o resultado da multiplicação do valor da gasolina por 0,7.

## >> Palavra de especialista //

"Questionamos a margem de lucro elevada dos empresários do setor. Achamos que é abusiva. A pressão das grandes redes acaba levando os empresários menores a acompanharem os preços. Isso, necessariamente, não parte de um acordo formal, o que caracterizaria um cartel"

**Leonardo Bessa, Promotor de Defesa do Consumidor do MPDFT**

## >> Preços em linha reta

**Além de pagar uma das gasolinas mais caras do país, o consumidor brasileiro não tem a opção de pesquisar preços: a diferença entre o preço mínimo e máximo é a menor do país\***

Unidade da federação	Maior diferença de preços entre os postos (em R\$)**	Valor médio cobrado (em R\$)
Distrito Federal	0,069	2,670
Piauí	0,230	2,573
Alagoas	0,330	2,648
Tocantins	0,370	2,749
Espírito Santo	0,376	2,616
Amapá	0,380	2,665
Sergipe	0,381	2,511
Roraima	0,470	2,690
Acre	0,480	2,932
Goiás	0,529	2,566
Rio Grande do Norte	0,549	2,548
Rio Grande do Sul	0,561	2,456
Paraíba	0,580	2,413
Pernambuco	0,580	2,583
Mato Grosso do Sul	0,590	2,559
Mato Grosso	0,600	2,686
Amazonas	0,620	2,584
Santa Catarina	0,662	2,480
Pará	0,670	2,736
Bahia	0,675	2,661
Minas Gerais	0,700	2,328
Paraná	0,700	2,437
São Paulo	0,700	2,352
Maranhão	0,740	2,594
Ceará	0,781	2,317
Rondônia	0,880	2,583
Rio de Janeiro	0,959	2,525

\*Valores de 1º a 20 de junho de 2009.

\*\*Comparação entre o preço mínimo e o preço máximo cobrado no período.

Fonte: Agência Nacional de Petróleo (ANP).